

PIEDADE – LITERATURA E REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL DE UMA ÉPOCA

MONTAGNER, Iara Sirlene Amorim (UFMT)

Resumo: José de Mesquita escreve *Piedade*, romance para o qual transcreve muitos dos hábitos cuiabanos daquela época, deixando assim, registradas informações importantes da formação dos costumes culturais e sociais da vida mato-grossense. O livro é publicado em 1937, momento que Mato Grosso ainda era considerado “sertão” para a capital brasileira e outras cidades tidas como metrópoles ou modernas. O enredo de *Piedade* se passa em Cuiabá e traz como protagonistas o advogado Paulo e sua prima Maria da Piedade, que são criados na mesma casa, quando crianças. O autor constrói sua obra mesclando dados históricos e reais com a ficção.

Palavras-chaves: José de Mesquita. Costumes. Mato Grosso.

Piedade é um romance de José de Mesquita, escritor cuiabano, publicado em 1937. José de Mesquita foi, e ainda é, um dos escritores mais admirados e comentados em Mato Grosso, sua vasta obra conta com poesias, contos, romance, estudos históricos e jurídicos, conferências e ensaios.

O enredo de *Piedade* se passa em Cuiabá, na década de 1930, e traz como protagonistas o advogado e escritor Paulo e sua prima Maria da Piedade, que foram criados na mesma casa quando crianças. Durante toda a narrativa o autor descreve hábitos folclóricos, religiosos, familiares, credices populares, descrições de lugares, enfim, mostra os costumes culturais e sociais da época, deixando, assim, registradas informações importantes sobre a formação de vários setores da vida mato-grossense. Apresentamos a seguir alguns descritos do romance:

- Hábitos folclóricos - “Touradas”, era um evento folclórico com intuito de comemorar a Festa do Divino Espírito Santo, imitavam-se as arenas espanholas, com os touros, os toureadores; e ainda o “capinha” (aquele que atrai o touro com uma capa vermelha) e o “máscara” (aquele que entretinha o touro nos momentos mais difíceis), era uma grande atração de entretenimento da época. Também no romance o evento é esperado com euforia pela população cuiabana, desgostando apenas a Paulo que mostra certo desdém a uma cultura que considera atrasada;

¹ Aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – Mestrado/IL/UFMT – *campus* de Cuiabá/MT/Brasil, Área de Concentração em Estudos Literários, Linha de Pesquisa: Literatura e Realidade Social. Orientadora: Franceli Aparecida da Silva Mello. E-mail: amorimontagner@yahoo.com.br

- A personagem Mãe Roberta tomava guaraná ralado todas as manhãs como fonte de energia. Até hoje, muitos cuiabanos usam esse produto natural com a mesma finalidade;
- Religiosos – José de Mesquita descreve os pequenos “altares” usados dentro das casas. A oração de Piedade frente a um desses altares é uma amostra da crença fervorosa que as pessoas tinham em seus “santos de devoção”;
 - Encontra-se em *Piedade* o respeito ao tempo do luto, a visita ao cemitério no sétimo dia de falecimento do ente querido, hábitos que faziam parte de toda família religiosa cuiabana. É um costume que ainda se encontra em alguns lares;
- Familiares – Paulo foi morar com a tia e os primos, e foram criados como irmãos. Este costume de tios hospedarem sobrinhos era muito comum, principalmente quando os pais moravam na zona rural e o filho precisava estudar;
 - Na obra, quando Maria da Piedade contrai a tuberculosa, D. Francisca vai morar na casa do casal para cuidar deles. Essa prática da mãe ir para casa da filha para cuidados especiais com a saúde, também acontecia quando as mulheres tinham seus recém-nascidos;
- Crendices populares – observa-se no texto que, quando a família Monteiro fala que o noivo de Tereza gostou de Cuiabá e não pretende mais sair da cidade, são usadas expressões como “comer cabeça de pacu” ou “beber água da Prainha” para afirmar que iria se fixar em Cuiabá, pois acreditavam que os viajantes que chegavam na cidade e comessem cabeça do peixe pacu, ou bebessem água do córrego da Prainha, não iam embora e estabeleciam-se na cidade;
- Papel feminino – no texto é fortemente marcado pela submissão de Piedade, a “mulher perfeita”, religiosa, caseira, dedicada ao marido, em oposição a Naninha, que, segundo Paulo, levou o irmão a loucura e depois se entregou ao “luxo e à vida livre”.
- Costumes – no casamento da personagem Regina, o narrador faz uma descrição de como os convidados, depois da festa, acompanham o novo casal até a casa deles;
 - No casamento de Tereza há uma representação das moças que se reuniam na casa da noiva, antes do casamento, e assim acompanhavam a noiva em um cortejo desde sua casa até a igreja;
 - Na festa de casamento das personagens citadas acima, percebe-se o cuidado na escolha dos padrinhos para a cerimônia, dentro da elite da sociedade cuiabana, isso também acontecia com os batizados;

- Piedade toca piano, pois as moças aprendiam na escola, como “prendas” femininas;
- A obra menciona que Paulo aprecia a caça e a pesca. Apresenta estas atividades como se fossem uma distração para o personagem. Não só em Cuiabá, mas em várias cidades de Mato Grosso, até os dias atuais encontram-se pessoas fascinadas pela pesca, e em algumas situações não só por distração, mas também por profissão.
- Lugares – José de Mesquita faz um passeio por Cuiabá da primeira metade do século XX, mencionando e descrevendo ruas, bairros e lugares da cidade, dentre eles estão Beira Rio, Areão, Rua 13 de Junho, o Arsenal.

O narrador agrega ao romance um relato histórico-cultural, trazendo fatos ocorridos no Estado, na primeira metade do século XX, ainda considerado, na época, interior do país. Seus personagens desempenham papéis corriqueiros, demonstrando como viviam os “provincianos”.

Através dessa interação entre realidade e criação na obra, pode-se observar a completude da literatura como fator social, pois é na realidade que o autor busca a matéria-prima para sua ficção, e de certa maneira as entrelaça. Assim, a produção literária é um fenômeno social, pois resultam de/em convicções, crenças, códigos e costumes sociais.

O romance *Piedade* foi publicado, numa época em que Mato Grosso ainda era considerado “sertão” para a capital brasileira e outras cidades tidas como metrópoles ou modernas.

Segundo Lylia S. G. Galetti o processo de ‘restauração’ do Rio de Janeiro e a urbanização de São Paulo, no início do século XX, transformou essas cidades em grandes centros modernos e cosmopolitas, servindo de vitrines que atestavam o afastamento cada vez maior entre o progresso do litoral e o atraso do sertão.

O narrador representa essa diferença entre interior e metrópole no decorrer do romance, através do contraste entre Piedade – a beleza simples e pura, e Paulo – a ostentação do ser civilizado. Como em um de seus diálogos que se transcreve um fragmento:

— (...) O nosso amor humaniza a terra, mas, no fundo o que nós queremos não é a terra, são os que vivem na terra.

— Pois, olhe, por onde tenho passado tenho deixado... Amizades... Inclinações... Dessas cousas que prendem a gente... E nada, entretanto, até hoje me prendeu.

Gostava de gabar-se, com certo ar de fanfarrão, diante das primas... Parecia assim se dava mais valor. (MESQUITA, 2008, p. 56)

Hilda G. D. Magalhães descreve o quanto era complicado o momento histórico em Mato Grosso, no início do século XX, muitas dificuldades em transporte, comunicação; a

transição de meios da produção econômica; as rivalidades políticas; todos esses fatores demonstram a aspereza e rusticidade encontradas no Estado, naquela época.

Mesmo com tantas adversidades, é exatamente na 1ª metade do século XX que se dá início ao estímulo à vida intelectual em Mato Grosso. Tem-se com a nomeação do Bispo Dom Aquino Corrêa, também escritor, um grande avanço nos processos literário e cultural no Estado. São criadas em Mato Grosso instituições importantes para seu desenvolvimento intelectual como: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919) e Centro Mato-grossense de Letras (1921), que se transformou em Academia Mato-grossense de Letras (1932).

Dom Aquino Corrêa, José de Mesquita e outros escritores da época fizeram parte dessas instituições e de várias associações culturais, fortalecendo-as e expandindo-as, em favor da consolidação da literatura e cultura mato-grossenses.

O escritor José de Mesquita engajou-se, de tal forma, nesse processo que sempre defendia e exaltava a literatura produzida em Mato Grosso, em vários ensaios e conferências está clara sua intenção em enaltecer e expor o trabalho literário mato-grossense, sempre citando e valorizando os escritores locais, dentro e, principalmente, fora do Estado.

Em *Piedade*, José de Mesquita apresenta várias situações em que há vida intelectual no Estado, o protagonista é um escritor típico desta realidade vivida em Mato Grosso, na época, pois é advogado, escreve contos e poesias, publica em jornais e revistas da cidade, lembrando ainda que é um leitor exímio dos clássicos nacionais e internacionais.

Percebe-se esta preocupação em vários Estados brasileiros. A clara diferença entre a metrópole e o interior do país faz com que surjam manifestações literárias preocupadas em marcar esta dicotomia, uma delas é conhecida como o “Romance de 1930”, que começa com o regionalismo do nordeste brasileiro, acontecendo também no Rio Grande do Sul. Há os romances chamados rurais (que representam a vida no campo), nos quais se destacaram os escritores pertencentes ao chamado “ciclo da cana”: José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Há, também, os romances urbanos (que representam a vida na cidade), nos quais se consagraram Jorge Amado e Érico Veríssimo. Este último, no Brasil, deu lugar a outra vertente o ‘Romance psicológico’ que tem como características: a verossimilhança; o retrato direto da realidade em seus elementos históricos e sociais; reflexões psicológicas; a linearidade narrativa; a tipificação social; a ações a partir do eu, o contraste entre eu e a sociedade, construção ficcional abrangente a partir de um indivíduo.

Todas estas características são encontradas no romance de José de Mesquita permitem que, a princípio, ele possa ser lido como um ‘Romance de costumes’ o qual a principal característica é mostrar os costumes da localidade representada na obra, outra característica é a complicação sentimental entre herói e heroína do texto. Seu enredo contém fatos comuns e reais do cotidiano cuiabano da primeira metade do século XX; o tempo da narrativa segue exatamente a linha: início, meio e fim; o tipo social apresentado no texto é composto de pessoas da elite cuiabana da época. No entanto, as reflexões psicológicas de Paulo são longas, mostrando indecisão e todo seu tormento mental; Paulo também se mostra egocêntrico, reclama de muitas coisas na cultura “provinciana”, não se encaixando nesta sociedade e, muitas vezes, segue simplesmente cumprindo protocolos.

A narrativa apresenta, já em seu início, a morte de “Mãe Roberta”, personagem negra que serviu a família Monteiro por duas gerações. O texto mostra os primeiros sintomas da “depressão” do protagonista, que ele atribui ser um problema hereditário.

Só, sentia um grande vácuo na sua vida, que a lembrança do passado vinha fazer maior. (...) Paulo, pelo seu feitio nervoso, era de uma esquisita sensibilidade, (MESQUITA, 2008, p. 24 e 25)

O narrador também relata o “desequilíbrio” de Álvaro, meio irmão de Paulo, que sente ciúme doentio por sua esposa Naninha. Mesmo com a vida agitada Paulo se sente vazio, ele se relaciona com duas mulheres ao mesmo tempo Eunice, viúva elegante, e Tereza, moça de beleza exuberante, mais tarde, opta por Tereza. Depois de algum tempo ainda se envolve com uma bonita prostituta. Percebe-se que nenhuma dessas mulheres preenche os requisitos exigidos pelo personagem para ser sua companheira.

O narrador revela primeiro que Piedade sempre fora apaixonada por Paulo, mas ele apenas a admirava como boa moça. Quando a prima Glorinha piora e morre, mais uma vez, aparecem as ideias depressivas do rapaz, e o pensamento de que Piedade tem o perfil de “mulher ideal”, religiosa, caseira, moça de família, no entanto, com seu pessimismo, Paulo acha o casamento entre os dois algo impossível, pela diferença de idade e por terem sido criados como irmãos. Entretanto, confessa-se apaixonado pela prima. A internação de Álvaro, no Hospício dos Alienados, incomoda Paulo, por se achar portador de “sentimentalismo genético”.

Certa vez, ao analisar alguns fatos ocorridos, Paulo lembra-se de que sua mãe, D. Carlota, havia dito a Piedade, ainda criança, que gostaria que esta, futuramente, fosse sua esposa. Como se isso fosse a “benção” de sua mãe, ele decide pedir a moça em casamento. Piedade aceita, pois além de amar o primo, ela já havia descoberto que ele padecia de

“enfermidade da sensibilidade” e havia decidido dedicar-se ao amado. Casados, Piedade cuida de Paulo com mimos e verdadeira devoção. Ele continua com suas ideias pessimistas, chegando a pensar que a esposa deveria morrer com ele, pois não suporta que, futuramente, viúva, ela pudesse encontrar felicidade nos braços de outro homem. Quando D. Carlota morre e, ao receber a notícia, Paulo cai nos braços de Piedade, nota-se o quanto ele se entrega ao luto e à tristeza, ficando cada vez mais depressivo e dependente da esposa. O inevitável acontece neste texto, Piedade contrai a tuberculose, e ainda assim cuida mais de Paulo que de si mesma, e, a doença avança rapidamente. O enredo termina com uma “armadilha do destino”, Piedade morre e Paulo, mesmo doente, ainda vive para sentir a perda da esposa.

Muitos críticos acreditam que *Piedade* é um romance tardio, no entanto, apesar de apresentar características do Romantismo como: o pessimismo, a morte, a loucura, o amor e mencionar durante a obra vários textos desse movimento literário, em nossa opinião, *Piedade* apresenta praticamente todas as características do ‘Romance psicológico’ de 1930, enfatizando a introspecção íntima do personagem, pois Paulo tem consciência de sua personalidade, tanto que ele não se declara a Piedade, num primeiro momento, não por se achar indigno de seu amor, ou por não ser correspondido, mas por considerar injusto que sua prima anule sua vida, ainda na juventude, em prol dele. O personagem sabia de todas as qualidades de Maria da Piedade, sentia que ela teria um futuro melhor com outra pessoa, mas se deixa acomodar pela suposta “benção” e pelo sentimento que a moça tinha por ele, ficando assim numa situação apropriada para ele e sem culpas.

Assim, entendemos que em meio aos elementos característicos do ‘Romance de costumes’, o narrador tenha conseguido mascarar o fator principal do enredo, qual seja, o egoísmo e o comodismo de um homem que, escorado na “depressão” tira proveito da devoção de uma jovem ingênua e piedosa, quase uma “santa”. A estratégia da máscara foi muito usada por Machado de Assis, o escritor mais admirado por Mesquita, a quem chamava de mestre e destinou uma dedicatória em seu livro de contos, *O espelhos das almas*, premiado pela Academia Brasileira de Letras.

Referências bibliográficas:

AMADO, Janaina. Região, Sertão, Nação. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.8, n.15, 1995.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo; Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed., São Paulo, T. A. Queiroz / Publifolha, 2000.

_____. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro, Itatiaia, 1993.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Sertão, fronteira, Brasil: Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá, Entrelinhas / EdUFMT, 2012.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá, Unicem, 2001.

MELLO, Franceli Apª Silva e SILVA, Nilzanil Maria José Soares e. Modernismo em Mato Grosso, uma questão política. *Revista Eletrônica Letra Magna*, Ano 04, n 09 2º sem. 2008.

MELLO, Franceli Apª Silva. Elementos para uma história da literatura em Mato Grosso. *Revista Polifonia*, Cuiabá, EdUFMT, n 06, p. 19-31, 2003.

MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. 2ª ed, Cáceres, Ed. Unemat, 2005.

MESQUITA, José de. *Piedade*. Cuiabá, Academia Mato-Grossense de Letras / Unemat, 2008.

LIMA, Nísia Trindade. Missões Civilizatórias da República e Interpretação do Brasil. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 5 (suplemento), jul/1998.

PÓVOAS, Lenine. *História da cultura matogrossense*. 2ª ed, Cuiabá, 1994.

MESQUITA, JOSÉ DE. Letras mato-grossenses. *Revista de Cultura*, maio, 1936. Disponível em: [HTTP://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm](http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm). Acesso em 25/jan/2013.

MESQUITA, JOSÉ DE. Mato Grosso através de sua literatura. *Revista do Brasil*, agosto, 1924. Disponível em: [HTTP://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm](http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm). Acesso em 05/dez/2012.

MESQUITA, JOSÉ DE. O sentido da literatura mato-grossense. *Revista de Cultura*, agosto, 1936. Disponível em: [HTTP://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm](http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm). Acesso em 12/jan/2012